

LIDERANÇA CARISMÁTICA E MOBILIZAÇÃO AFETIVA NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA: A “FASCINAÇÃO DO PREDESTINADO” NO PARANÁ (1935)

Rafael Athaides*

Resumo

Os estudos sobre a liderança carismática nos fascismos europeus mostram que na presença do líder, as multidões atingem níveis elevados de desapego e ardor emocional, o que as leva a abandonarem seus padrões comuns de consciência. Em termos freudianos, trata-se de uma perda identitária na devoção ao “chefe intangível”. A partir destes argumentos, nosso objetivo é analisar a liderança carismática de Plínio Salgado na Ação Integralista Brasileira, observando seus aspectos afetivos e tomando por base uma documentação de caráter regional/local (o jornal do movimento no Paraná, A Razão). Tal documentação, revela os níveis de devoção carismática tanto em aglomerações urbanas, quanto em lugares longínquos, cuja expectativa de contemplação do “Chefe”, *in loco*, por parte dos partidários, era muito reduzida ou inexistente.

Palavras-chave: liderança carismática; Ação Integralista Brasileira; afetividades.

CHARISMATIC LEADERSHIP AND AFFECTIVE MOBILIZATION IN BRAZILIAN INTEGRALIST ACTION: THE “FASCINATION OF THE PREDESTINED” IN PARANÁ (1935).

Abstract

Studies of charismatic leadership in European fascism show that in the presence of the leader, crowds reach high levels of detachment and emotional ardor, which leads them to abandon their common patterns of consciousness. In Freudian terms, this is an identity loss in devotion to the “intangible chief”. Based on these arguments, our objective is to analyze the charismatic leadership of Plínio Salgado in Brazilian Integralist Action, observing its affective aspects and based on a regional / local documentation (the newspaper of the movement in Paraná, A Razão). Such documentation reveals the levels of charismatic devotion both in urban agglomerations

* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná; docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; e-mail: rafael.athaides@ufms.br.

and in far-off places, whose expectation of seeing the leader, in person, on the part of the partisans, was very reduced or nonexistent.

Keywords: charismatic leadership; Brazilian Integralist Action; affectivities

“Para os integralistas a pessoa do Chefe Nacional é intangível”¹. Essa assertiva, constante no artigo 8º dos estatutos da AIB, remete-nos um dos pontos mais altos do êxtase do militante no Integralismo (e nos fascismos em geral): a presença, *in loco*, do chefe. Devido às inúmeras viagens do líder do fascismo brasileiro, quase todo devoto ao movimento se fez a pergunta: ‘o que fazer quando o “intangível” estiver no meio de nós?’. Este artigo pretende demonstrar que, embora Plínio Salgado não correspondesse plenamente ao arquétipo dos líderes fascistas, o fomento à devoção no interior do movimento, sobretudo através dos ritos e símbolos, tornava-o objeto de devoção sacra, mesmo aos mais isolados militantes. Para tanto, apresentaremos exemplos de discursos e atitudes irrefletidas – incluindo momentos de explosões passionais – por parte de indivíduos e grupos de aderentes, entregues à causa dos camisas-verdes e ao seu *Führer* tupiniquim.

A escolha de um líder carismático para a Ação Integralista não foi tarefa automática, como mostrou o estudo clássico de Héglio Trindade (1979). Plínio Salgado titubeou em assumir a chefia e parece ter se escolhido na falta de algo melhor. Entretanto, mesmo antes de fundar o Movimento, o futuro Chefe tinha consciência do potencial afetivo de um líder em meio ao caos dos processos revolucionários. Em um jornal pré-integralista, Plínio escreveu:

Uma revolução é uma força nacional que deflagra e arrasta em impulsões imprevisíveis as energias sociais, até que uma mentalidade forte, dispondo de elementos materiais suficientes, possa impor uma coordenação, uma disciplina segundo os impositivos de uma consciência nova que se criou. Suscitar o advento dessa consciência, eis a obra presente da Revolução.²

Hesitações à parte, Salgado se impôs na chefia de forma incontestada, mesmo sentindo de perto as dificuldades da empreitada, já nas suas primeiras viagens de propaganda pelo Brasil:

¹ MONITOR INTEGRALISTA, n. 6, São Paulo, maio de 1934, p. 5. Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, Rio Claro/SP.

² SALGADO apud TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979, p. 88-89.

Eu ia sendo recebido como um intellectual, cuja incapacidade para pôr em execução um plano politico deveria ser uma contingencia de minha propria estrutura mental de homem dos livros. Eu notava uma certa benevolencia, ao mesmo tempo respeitosa para com o escriptor e sceptica para com o politico. Eu não assustava nenhum partido, não inquietava nenhum governador (A OFFENSIVA, 28 jun. 1936, p. 2).³

Atribuindo três marcas distintivas ao poder do “Chefe” na AIB (a centralização, a totalidade e a permanência), Trindade sustentou o uso do conceito de liderança carismática para Plínio Salgado. Assim o fez por meio de um conjunto de entrevistas que fez com militantes, colhidas 40 anos depois da atuação dos camisas-verdes: 2/3 dos entrevistados, simpáticos ao Chefe, ainda o eram por reconhecimento da sua retórica e convicção. Mediante tal fato, cremos ser importante pontuar uma das conclusões da pesquisa – que resultou no presente artigo – quanto à liderança carismática de Salgado, manifestada nos periódicos da Ação Integralista: muito embora ele não fosse o tipo ideal de líder carismático fascista, a estrutura emotivo-simbólica do movimento criou um imenso arcabouço afetivo em torno de sua figura, até nos militantes mais afastados de sua presença. Mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, os ritos em torno da figura do Chefe levavam os sujeitos a terem consciência da participação em uma comunidade maior, encabeçada por um guia supremo.

O primeiro rito em torno do Chefe, com o qual o militante tinha contato, era o juramento de fidelidade, ocasião em que, de frente ao retrato de Plínio, os neófitos declaravam: “Juro por Deus, e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores”.⁴ Outros ritos de diferenciação e devoção se seguiam ao longo da militância, como a inauguração do retrato do Chefe (obrigatória em todos os núcleos e subnúcleos com sede física). Formas específicas de tratamento verbal, de cumprimento e saudação também foram implantadas. Todo o manual “Protocolos e Rituais da AIB” está recheado de normas que circunscrevem um espaço único de devoção ao líder no interior do movimento.

Essas experiências ritualísticas e processuais cotidianas reforçavam a crença no pertencimento a uma comunidade maior, liderada por um distante e infalível Chefe, o que, por sua vez, fomentava individualmente no militante a expectativa de um dia poder contemplá-lo. Na subjetividade do devoto, a contemplação do líder poderia significar o êxtase afetivo, sobretudo, quando este indivíduo está imerso na multidão. Portanto, em um contexto

³ A OFFENSIVA, n. 218, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1936, p. 2.

⁴ MONITOR INTEGRALISTA, n. 5, Rio de Janeiro, abril de 1937, p. 11.

intersubjetivo, como nas grandes manifestações de massa em torno do Chefe, o desprendimento e o deslumbramento do participante alcançavam níveis elevadíssimos, pela combinação da visão glorificante do objeto da veneração com a experiência física do ‘mergulho’ na multidão.⁵ Vejamos alguns exemplos da relação líder/militante, a maioria deles extraídos da análise das experiências integralistas no estado do Paraná.

Os militantes da cidade de Ponta Grossa (um dos maiores núcleos da AIB no estado) descreveram a presença do Chefe apontando os efeitos emocionais da contemplação momentânea de Plínio – sempre adjetivado de “intangível” – num evento de massa:

tudo nas suas reuniões, aí se evidencia de maneira facinante e irresistível, criando um ambiente novo, onde nascem as emoções nunca antes sentidas e, agora, mais do que nunca triunfantes, as emoções latentes de um povo que dormia [...].⁶

Na presença das “emoções nunca antes sentidas” não faltava a reação física natural, presente na mobilização de muitos sentimentos: a lágrima é um elemento constante nos relatos desse tipo, como no que se segue vindo de Blumenau/SC:

Finalizando [sua fala, o Chefe] referiu-se á saudação que recebêra do jovem “pliniano”, pela manhã, ao entrar na cidade. Fallou longamente sobre a juventude brasileira, e em certas occasiões fazia verter lagrimas a quantos o ouviram, embebidos completamente nas suas palavras⁷.

A visita do Chefe era aguardada e ventilada com muita antecedência. O evento em si consumava uma explosão passional mesmo para os simples e interioranos militantes, que na ocasião estavam prestes a contatar o mais alto nível da cadeia hierárquica do movimento. A mágica da presença do Chefe era tamanha que, às vezes, não era preciso uma visita completa: a escala do avião que levaria o Chefe a outro lugar era suficiente para causar fervor e a formação de caravanas em direção ao aeroporto. Numa dessas ocasiões, em 30 de maio de 1935,

⁵ “Depois do sexo, a atividade que mais intensamente combina a experiência corporal com forte emoção é a participação em uma demonstração de massa em época de grande exaltação pública. Ao contrário do sexo, que é essencialmente individual, essa é por natureza coletiva, e, ao contrário do clímax sexual – pelo menos no que se refere aos homens –, pode ser prolongada durante várias horas. Por outro lado, assim como o sexo, tal participação implica ações físicas – marchar, gritar palavras de ordem ou cantar – nas quais a imersão do indivíduo na massa, que é a essência da experiência coletiva, encontra sua expressão”. HOBBSAWM, Eric J. *Tempos interessantes: Uma vida no século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p. 91.

⁶ A RAZÃO, n. 13, Curitiba, 30 de julho de 1935, p. 5.

⁷ A RAZÃO, n. 10, Curitiba, 5 de julho de 1935, p. 4.

milhares de boletins tinham sido espalhados, anunciando a passagem do Chefe Nacional por Curitiba. [...] Estava anunciada a sua chegada para às 12,30. No entanto já às 11 horas, centenas de camisas-verdes se dirigiam ao Campo no Bacachery [...]. “os valorosos e bravos plinianos sob as ordens do professor Antonio Koser, desfilaram pela Rua 15 de Novembro e outras arterias da Capital, marchando ao rufo de seus tambores, em direção ao Bacachery”.⁸

Sobre a mesma ocasião, Jorge Lacerda, um dos mais fervorosos líderes do movimento no Paraná, também expressou a comoção dos militantes com a chegada do avião:

O Chefe Nacional passou ontem de avião por Curitiba e comnosco ficou apenas uns minutos! Que minutos, porém, de intensa vibração cívica! Todos acorreram ao Campo da Aviação! Os pequenos plinianos, ao rufar dos tambores, desfilaram pela Rua 15 e marcharam também ao Campo! Bondes e automóveis iam e vinham numa lufa-lufa enorme... Minutos cheios de impaciência, foram os da espera do avião!⁹

O objeto do carisma é admirado e adorado desde os primeiros sinais visuais de sua aparição, uma “experiência visceral [...] anterior a qualquer mensagem transmitida”¹⁰. Nesse sentido, o texto de Lacerda se seguiu:

Quando ao longe, na fimbria longinqua do horizonte, bem ao lado do pico azulado do Marumby, avultou o avião, todos os braços se levantaram e Anauês estrugiram no ar! Foi um espectáculo grandioso! [...] Todos queriam abraçar o Chefe. Gente humilde e pobre procurava ter contacto com elle! ERA A FASCINAÇÃO DO PREDESTINADO!¹¹

Após o almoço e depois de se dar conta da mobilização afetiva que sua passagem havia promovido (um “frenesi de entusiasmo”, como descreveu o jornal), Salgado decidiu cumprir sua ‘lição de casa’ de líder carismático: foi até a rua e fez um pequeno discurso “aos camisas verdes que [...] o esperavam com impacencia [sic]”¹².

⁸ A RAZÃO, n. 5, Curitiba, 31 de maio de 1935, p. 1 e 6.

⁹ A RAZÃO, n. 5, Curitiba, 31 de maio de 1935, p. 1.

¹⁰ LINDHOLM, Charles. *Carisma* - êxtase e perda de identidade na veneração ao líder. Rio de Janeiro, Zahar, 1990, p. 50.

¹¹ A RAZÃO, n. 5, Curitiba, 31 de maio de 1935, p. 1.

¹² A RAZÃO, n. 5, Curitiba, 31 de maio de 1935, p. 6.

Ilustração 1 – Recorte da capa do jornal *A Razão*, noticiando a escala do avião de Salgado em Curitiba (maio de 1934)



Fonte: A RAZÃO, n. 5, Curitiba, 31 de maio de 1935, p. 1.

Quando da segunda visita de Salgado a Curitiba, conforme o mesmo jornal supracitado, os paranaenses esperaram “o Chefe Nacional com o peito arfando [e] nos olhos de todos os camisas-verdes via-se uma luz nova que queria ver o Chefe”¹³. Já com a Província¹⁴ estruturada e contando com cerca de 7 mil filiados, era preciso mostrar ao Chefe as potencialidades locais da AIB, tanto no âmbito numérico, quanto na paixão da militância. A chegada foi descrita nos seguintes termos:

Ao meio dia, o Chefe Provincial, Vieira de Alencar, acompanhado dos seus secretários e de inúmeros camisas-verdes, rumou ao Campo da aviação. No meio da maior animação, conversavam os integralistas. O entusiasmo era delirante e mais se acentuou ainda quando do fundo do horizonte surgiu a nave aérea em que viajava o Chefe Nacional. O avião fez a aterrissagem, e Plínio Salgado acompanhado de Iracy Igayara, Chefe de sua casa militar e de Silva Telles, Chefe Provincial de S. Paulo, desembarcou sob os Anauês que irromperam do peito dos camisas-verdes¹⁵.

¹³ A RAZÃO, n. 6, Curitiba, 11 de junho de 1935, p. 1.

¹⁴ Nome dado pelos integralistas às seções estaduais do Partido. Tratava-se de uma clara alusão ao futuro Estado Integralista: Plínio repudiava a ideia liberal de ‘estados’, entendidos como partes independentes de um todo. O uso da palavra província remete ao centralismo do Império.

¹⁵ A RAZÃO, n. 6, Curitiba, 11 de junho de 1935, p. 1.

Ilustração 2 – Chegada de Plínio Salgado ao Campo da Aviação do “Bacacheri”, Curitiba



Fonte: Pront. 0173, top. 140, DOPS/PR, DEAP/PR.¹⁶

Na parte da tarde, Salgado dirigiu uma sessão na Sede Provincial que já “regorgitava de camisas-verdes e curiosos” antes de sua chegada; o momento da sua fala, nas descrições do redator, era sempre precedido por um ‘clima’ de suspense: “ha um momento de atenção. Vae fallar Plinio Salgado”.¹⁷ Da mesma forma, sobre o êxtase coletivo em um discurso proferido em Santa Catarina, o correspondente do jornal *A Razão*, Oscar Witt, escreveu:

Finalmente, Plínio Salgado fazia-se ouvir. Depois dum silencio, quando fora anunciado que ia fallar, a assistencia toda prorrompe em aplausos delirantes. Como sempre, após ter falado alguns momentos, dominava completamente a multidão, que se conservou estática, ouvindo-lhe o verbo fascinante e cheio de fé!¹⁸ (*A RAZÃO*, 28 jun. 1935, p. 3).

Da entrevista com o próprio Salgado, Trindade concluiu que as reações estáticas à fala do Chefe eram também produto de uma cerimonialização, do tipo observado no excerto acima, da qual Plínio sabia se valer:

O carisma que ele possuía, vinculado a sua capacidade de retórica, necessitava, na sua concepção, de uma “liturgia” para exteriorizar-se e comunicar-se melhor com as

¹⁶ As marcações numéricas nos indivíduos fotografados são de autoria da DOPS.

¹⁷ *A RAZÃO*, n. 6, Curitiba, 11 de junho de 1935, p. 3.

¹⁸ *A RAZÃO*, n. 9, Curitiba, 28 de junho de 1935, p. 3.

massas. Mesmo que a *mise em scène* não substituísse eloquência, ela desenvolvia um ambiente propício à transmissão da mensagem fazendo brotar uma ligação simbólica e afetiva com o Chefe¹⁹ (1979, p. 168).

Isso exprime, em termos analíticos, as declarações dos militantes de Ponta Grossa, em julho de 1935. Para eles, a *mise em scène* promovia, nas “arrebadoras solenidades dos Camisas-verdes”, “sempre [a palpitação de] alguma coisa infinita e intraduzível”.²⁰

Difícilmente saberemos se as cenas descritas por Jorge Lacerda e por outros redatores desse jornal tiveram de fato esses caracteres estrondosos. Não temos a ousadia, no entanto, de duvidar prontamente. Sabemos que os integralistas ficaram furiosos quando se veiculou uma informação que punha em dúvida a veneração dos militantes locais ao Chefe Nacional: Plínio teria sido recebido, na verdade, por apenas 12 pessoas no campo da aviação. Em resposta, a Chefia Nacional veiculou uma circular aos Chefes Provinciais de todo o Brasil, em que esclarecia essa e outras “deturpações de fatos”, veiculadas por “organizações secretas que combatem o integralismo”:

Mentira deslavada, pois uma multidão de mais de 5.000 pessoas, apesar de ser dia de trabalho, e cerca de 1.000 ‘camisas-verdes’ receberam o Chefe. Damos como testemunhas as próprias autoridades militares do Exército, no campo de aviação, que até solicitaram do Chefe Provincial que não fizesse formatura militar, pedido que não poderia fazer si fossem apenas 12 pessoas²¹.

Se há dúvidas sobre a mobilização dos camisas-verdes para o campo da aviação, não podemos dizer o mesmo sobre a conferência que Plínio Salgado realizou no Teatro Guaíra, até porque a fotografia nos proíbe a desconfiança:

¹⁹ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979, p. 168.

²⁰ A RAZÃO, n. 13, Curitiba, 30 de julho de 1935, p. 5.

²¹ A RAZÃO, n. 9, Curitiba, 28 de junho de 1935, p. 4.

Ilustração 31 – Conferência de Plínio Salgado no Teatro Guaíra (julho de 1935)



Fonte: Pront. 0173, top. 140, fl. 79, DOPS/PR, DEAP/PR.

Assim foi descrita a ocasião pelo jornal de militância:

Antes de abrir as portas deante do nosso Theatro Municipal, já havia uma grande multidão. Em poucos minutos, estando ainda longe a hora da conferencia, o Theatro estava completamente cheio. [...] Quem não estava no Guayra, repleto á cunha, com cerca de 4.000 pessoas, estava ali, em frente, em casa, nos cafés, para ouvir Plínio Salgado através de altos-fallantes e do radio. O Chefe Nacional deu entrada no Guayra debaixo de tonitroantes Anauês e de uma chuva de palmas. [...] Quando Vieira de Alencar disse: “Vae fallar o Chefe Nacional”, as palmas estremeceram o Theatro Guayra. Não se pode descrever esse espetáculo colossal. Deante daquela enorme multidão Plinio Salgado discorreu panoramicamente durante mais de três horas, sobre o movimento do Sigma²².

Antes de Plínio falar, já haviam discursado três outros líderes. Portanto, é de se estimar que as pessoas já estivessem por duas horas ouvindo aloquções até que o Chefe iniciou a sua fala e permaneceu nela por três horas. É como se a afirmação hiperbólica de Roland Corbiser,

²² A RAZÃO, n. 6, Curitiba, 11 de junho de 1935, p. 3.

intelectual do Integralismo, fizesse sentido: “Plínio dominava a massa e esta última teria feito não importa o quê sob suas ordens”²³.

Por fim, é importante assinalar que mesmo nunca tendo visto o Chefe, alguns homens estavam dispostos a matar e morrer por ele. Em Rio Negro, sudeste do Paraná, em junho de 1935, isso se materializou em um processo criminal, impetrado contra o Chefe Municipal Integralista Eugenio La Maison e outros dois militantes extremamente apaixonados: João Alfredo Hening e Raul Thomaz Steige. A acusação: tentativa de homicídio, segundo a reportagem, contra “um indivíduo de péssimos hábitos [que] explorava infâmias, calumnias e ultrajes ao Integralismo, aos integralistas e ao Chefe Nacional”.²⁴ No ato, alguns parentes do “indivíduo de péssimos hábitos” apareceram em seu socorro e também apanharam dos integralistas.

O prestígio de La Maison, como chefe do 2º maior núcleo da Província do Paraná, pesou naquele momento. Não poderia ter disposto de melhor advogado que seu próprio Chefe Provincial, Manoel Vieira Barreto de Alencar²⁵, que se deslocou de Curitiba “com o fim especial de fazer a defesa daquelles bravos camisas-verdes, que defenderam com honra o nome do Chefe Nacional e do Integralismo”²⁶.

O julgamento, como se poderia esperar, tomou contornos circenses. Centenas de militantes tomaram as cadeiras do tribunal envergando a camisa verde, assim como os réus: “a saudação integralista enchia a sala...”²⁷. Brilhante advogado e também um apaixonado pelo Sigma, Vieira de Alencar seguiu uma linha de argumentação em que defendeu as razões subjetivas e afetivas do militante integralista para a adoração ao Chefe (!). Em outras palavras, usou a própria lógica da veneração carismática para a justificação dos atos dos réus. Discorreu ainda longamente sobre a luta de Plínio Salgado a favor da união dos “irmãos que mataram irmãos” na trincheira da Revolução Constitucionalista, de forma a evitar ‘incidentes’ como esse que motivou o julgamento. Alencar comoveu o júri que, por unanimidade, absolveu o Coronel e os dois militantes²⁸.

²³ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979, p. 166.

²⁴ A RAZÃO, n. 8, Curitiba, 22 de junho de 1935, p. 1.

²⁵ Além do fato de ter sido um dos fundadores da Faculdade de Direito do Paraná, o prestígio da carreira de advogado de Alencar pode ser medido por algumas empresas que representou: Banco Alemão Transatlântico, Banco Francês, Banco Italiano, Banco do Brasil e Standart Oil.

²⁶ A RAZÃO, n. 8, Curitiba, 22 de junho de 1935, p. 1.

²⁷ A RAZÃO, n. 8, Curitiba, 22 de junho de 1935, p. 1.

²⁸ A RAZÃO, n. 8, Curitiba, 22 de junho de 1935, p. 1.

As práticas em torno da paixão pelo chefe carismático, aqui exemplificadas, mostraram que, a despeito de ser Plínio Salgado um chefe fascista fora dos padrões físicos e temperamentais da maioria, ele extasiava e controlava multidões. Nesse sentido, o entendimento da paixão, ou da devoção carismática, não perpassa apenas a figura do Chefe, mas também da massa. As manifestações coletivas em que Salgado aparecia e discursava eram recheadas de cerimonialização, cujo intuito era criar um ambiente propício para o desnudar intersubjetivo da paixão pelo chefe.

Essa ambientação – que levava à ‘fascinação’ – estava inserida em um conjunto de práticas ritualísticas, nas quais o militante tomava parte desde os primeiros momentos de sua decisão de aderir ao movimento. Por meio da documentação aqui analisada, não nos resta dúvidas de que havia a AIB o desejo de impregnar nos aderentes a imagem viva e onipresente do Chefe, isso em todas as ocasiões. Essas práticas, típicas do universo religioso, geravam o tipo padrão de devoção ao líder em qualquer movimento fascista: a devoção a um ente sagrado, intocável, mas ao mesmo tempo visível.

Referências Bibliográficas

- HOBSBAWM, Eric J. *Tempos interessantes: Uma vida no século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- LINDHOLM, Charles. *Carisma - êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979.

Fontes:

- A OFFENSIVA, número 218, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1936. Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa/Central de Documentação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR.
- A RAZÃO, número 5, Curitiba, 31 de maio de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 6, Curitiba, 11 de junho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 7, Curitiba, 15 de junho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 8, Curitiba, 22 de junho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 9, Curitiba, 28 de junho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 10, Curitiba, 5 de julho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 13, Curitiba, 30 de julho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

DOPS/PR, Pront. 0173, Integralismo – fotos, top. 140, Departamento de Arquivo Público/PR.

MONITOR INTEGRALISTA, n. 5, Rio de Janeiro, abril de 1937. Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, Rio Claro/SP.